

## Anexo XXVII. Caracterização regional de Mastofauna

O oeste do estado de Rondônia, no médio e médio alto Rio Maderia, região na qual está inserido o empreendimento de Jirau, é uma área pouco estudada da Amazônia brasileira. Os estudos de inventário mastofaunístico mais consistentes existentes na área são o EIA/RIMA dos AHE de Jirau e de Santo Antonio (2005) e os trabalhos de Silva et al. (2007) e Rohë (2007) realizados no médio rio Madeira, próximo à confluência do Rio Aripuanã, nos interflúvios dos rios Aripuanã-Acari, Aripuanã-Madeira e Madeira-Purus.

O EIA/RIMA registrou a presença de 83 espécies de mamíferos na região, sendo 18 espécies de pequeno porte e 65 de médio e grande porte, sem considerar os morcegos, que não foram amostrados. Esses números gerais são considerados expressivos se considerarmos a riqueza de mamíferos observada na bacia amazônica (Voss e Emmons, 1996; Patton et al., 2000; Voss et al., 2001). Analisando a composição de cada ordem registrada, chama atenção a diversidade de primatas amostrados, com 20 espécies pertencentes a cinco famílias, e de carnívoros, com 15 espécies de quatro famílias distintas. Os marsupiais também apresentaram uma riqueza considerável, com 10 espécies registradas, com a captura de *Glironia venusta*, uma das espécies mais raras de marsupiais (registrada no leste de Rondônia; Bernarde e Rocha, 2003). Por outro lado, os roedores murídeos apresentam uma pequena diversidade com apenas seis espécies inventariadas, números bem pequenos se comparados àqueles obtidos na Amazônia Oriental (11 espécies; Voss et al., 2001) e Ocidental (16 espécies; Patton et al., 2000).

No médio Madeira, Silva et al. (2007) e Rohë (2007) também registraram 83 espécies de mamíferos, com números de espécies bem semelhantes, mas com composição das listas um tanto distinta, em especial em relação aos primatas (por conta dos diferentes interflúvios amostrados). Em relação às demais ordens, os números e composições são bastante equitativos, conforme pode ser observado no **Quadro 1**.

Na Amazônia, Chiroptera é o grupo dominante tanto em número de indivíduos como de espécies (Marinho-Filho & Sazima 1998; Eisenberg & Redford 1999; Silva et al. 2001; Marques-Aguiar et al. 2002), decorrente do elevado sucesso de captura de morcegos com os métodos utilizados atualmente, como rede de neblina. Neste contexto, o grupo está entre os mamíferos de maior utilidade como bioindicador ambiental, favorecendo o monitoramento dos impactos relacionando-os com a variação da riqueza e abundância no conjunto taxonômico (Marques-Aguiar 1994; Wilson et al. 1996; Marques-Aguiar et al. 2003), sendo úteis na compreensão da diversidade geral, fenômeno complexo considerado o reflexo da interação de vários processos ecológicos, evolutivos, geológicos e bioquímicos (Huston, 1994). Das 167 espécies conhecidas no território nacional, 41 já foram registradas positivas para raiva (Sodré et al., 2010). Destas, aproximadamente 18 são espécies sinantrópicas e já

observadas explorando refúgios em habitações humanas ou ao entorno delas, com possível contato com carnívoros domésticos (cães e gatos).

Qualquer morcego, independentemente de seu hábito alimentar, pode albergar e transmitir o vírus da raiva direta ou indiretamente a seres humanos ou animais (São Paulo, 2009). Atualmente, o controle da raiva transmitida pelo morcego hematófago *Desmodus rotundus* no Brasil é realizado pela redução populacional dessa espécie usando anticoagulantes em pasta de vaselina. Estudos determinaram ser possível eliminar 10 a 20 morcegos para cada morcego que recebe a pasta (Linhart *et al*, 1972). Em 2009, segundo dados do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), 18.746 morcegos *D. rotundus* foram capturados e receberam a pasta. Tendo em mente a proporção de 10 a 20 morcegos mortos para cada um que recebe o anticoagulante, o número de *D. rotundus* mortos em 2009 foi de 186 a 380 mil espécimes.

Estudo realizado por Martins *et al* (2007) descreve a alta variabilidade genética do *D. rotundus* e apresenta indícios de que o *D. rotundus* possivelmente abriga espécies crípticas que são morfologicamente semelhantes, mas geneticamente diferentes. O uso indiscriminado do anticoagulante estaria contribuindo para a eliminação de populações com características únicas, não descritas na literatura científica.

A quiropterofauna da região Amazônica é uma das mais ricas sendo esperada cerca de 98 espécies para este bioma (Reis *et al*, 2007). Contudo, há uma escassez de trabalhos realizados no Estado de Rondônia, sendo o noroeste do Estado uma área como um das maiores lacunas de conhecimento da região norte do Brasil (Aires, dados não publicados). Através de levantamento bibliográfico (Webster 1993, Guerrero 1995a,b, Handley & Ochoa 1997, Esbérard *et al* 2005, Peracchi *et al*. 2006, Reis *et al*. 2007, Aires, 2009) foram reconhecidas 46 espécies para Rondônia.

Em 2007, Bobrowiec listou 29 espécies para o médio Madeira, porém o trabalho não atingiu uma estabilização na curva do coletor e, segundo o autor, está muito aquém da verdadeira riqueza local. Sendo assim, estudos na região do Alto Madeira são importantíssimos dada a escassez e a forte pressão que a região sofre. A localização geográfica do empreendimento, com regiões limítrofes à Bolívia, também é um fator que merece atenção e, possivelmente, possam ocorrer novos registros de espécies de morcegos para o território nacional. Os morcegos têm ainda papel na Saúde Pública e suas flutuações populacionais decorrentes de mudanças ambientais devem ser acompanhadas de maneira incisiva. Sendo assim, o monitoramento na área da UHE tem muito a contribuir do ponto de vista científico, ambiental e de saúde pública, fornecendo informações para as decisões mais acertivas quanto as políticas relacionadas a este grupo taxonômico.

Após a consulta ao acervo do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo foi acrescentadas 16 espécies a esta lista, num total de 62 espécies de morcegos com ocorrência em Rondônia (**Quadro 1**). Ainda assim, esta diversidade está muito aquém da esperada para a região amazônica o que enfatiza a necessidade de maiores estudos na região. O Estado do Amapá também se encontrava em situação semelhante quanto a falta de conhecimento da quiropterofauna e após estudos

realizados por Martins *et al* (2006) houve um acréscimo de 25 espécies a lista original elevando-se para 73 o número de espécies para o Estado.

A localização geográfica da área de empreendimento, com região limítrofes com a Bolívia, também é um fator que merece atenção em relação à diversidade regional e, possivelmente, com novas ocorrências de espécies de morcegos para o território brasileiro.

Na Amazônia existem quatro espécies de mamíferos aquáticos, pertencentes a duas ordens. A Ordem Sirenia está representada por uma única espécie, o peixe-boi Amazônico, *Trichechus inunguis*. Com base nas entrevistas efetuadas durante os trabalhos de campo do EIA/RIMA dos AHE de Jirau e de Santo Antônio (2005), confirmou-se a não ocorrência dessa espécie acima da cachoeira de Santo Antônio. De fato, o único ponto para o qual existem registros confiáveis no rio Madeira corresponde à localidade de Cuniã, ainda em Rondônia, mas próximo à divisa com o estado do Amazonas (Best, 1982), portanto, não existem registros no trecho considerado como área de estudo e/ou Área de Influência Direta (AID).

A Ordem Cetacea está representada por espécies pertencentes a duas famílias distintas, incluindo as duas únicas espécies de golfinhos de água doce do Novo Mundo, sendo o boto vermelho (*Inia sp*, Família Iniidae) e o boto tucuxi (*Sotalia fluviatilis* - Família Delphinidae). No EIA/RIMA supracitado não foram obtidos registros que confirmassem a ocorrência do boto tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) acima da cachoeira de Santo Antônio. Essa espécie, ao contrário dos outros representantes na Família Delphinidae, caracteriza-se por ocupar ambientes fluviais abertos e sem vegetação de cobertura, com distribuição limitada por corredeiras e cachoeiras (da Silva e Best, 1994; 1996). A presença de *S. fluviatilis* na bacia do rio Mamoré/Guaporé, embora tenha sido indicada no Relatório da Avaliação Ecológica Rápida do Parque Estadual de Corumbiara sobre o rio Guaporé, não foi confirmada a contento. Contudo, *S. fluviatilis* ocorre abundantemente nas áreas consideradas pós-cachoeiras, abaixo da cachoeira do Santo Antônio.

Já o boto vermelho distribui-se extensivamente ao longo das bacias do Amazonas e Orinoco, ocupando não somente os cursos principais, mas também os afluentes, lagos e, no período das cheias, as porções conhecidas como várzeas (Best & da Silva, 1989a, 1989b, 1993). *A priori*, a amplitude e complexidade de distribuição da espécie pressupõem, no mínimo, algum tipo de estruturação em populações geográficas. O curso principal do rio Amazonas, que se estende desde o Peru e Colômbia, independente de denominações locais, não oferecem barreiras significativas ao fluxo de indivíduos por milhares de quilômetros, mascarando eventuais populações geográficas que porventura existam (Martin & da Silva 2004). Os botos vermelhos, ali observados, têm sido atribuídos à espécie *Inia geoffrensis* de Blainville 1817 (Best & da Silva, 1993).

Em contrapartida, a região do alto rio Madeira, na porção sudoeste da bacia amazônica e para onde conflui o complexo formado na Bolívia pelos rios tributários Beni e Mamoré/Guaporé, apresenta-se intercalado por um grande número de cachoeiras ao longo de diferentes segmentos (Goulding 1980). Presume-se que essas cachoeiras atuem como barreiras que de alguma forma limitariam a expansão e

intercâmbio genético da população de botos proveniente deste complexo com aquelas do baixo Madeira. Assim sendo, alguns autores acreditam que a região abrigue um táxon distinto daquele existente no Amazonas, sendo por vezes identificado como subespécie (*I. geoffrensis boliviensis*; Casinos & Ocaña, 1979; Reeves *et al.* 1993), como espécie (*I. boliviensis* d'Orbigny 1834; Pilleri & Gehr, 1977) ou então, mais conservativamente, como uma Unidade Evolutivamente Significativa - ESU (Banguera-Hinestroza *et al.* 2002).

Durante o levantamento do EIA/RIMA, o boto vermelho foi avistado entre os diferentes trechos a montante e jusante das diferentes cachoeiras, no trecho entre Fortaleza do Abunã e Porto Velho, estando distribuído entre as potenciais barreiras geográficas para a espécie. O boto vermelho foi registrado em Guajará-Mirim, no Rio Beni, até a cachoeira Esperança, e nos rios Mamoré e Beni, entre as cachoeiras Madeira e Bananal.

Comparada às densidades de boto descritas para outras áreas da Amazônia como, por exemplo, nas margens dos rios Japurá e Solimões, que limitam a Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá (RDSM), onde se estimou uma densidade de 1,16 botos/km<sup>2</sup> (Martin & da Silva, 2004), a população de botos na área dos AHEs Santo Antônio e Jirau (com aproximadamente 300 km de extensão) podem ser considerados extremamente reduzidos, com cerca de 0,20 indivíduos por km de margem percorrida.

Este valor é equivalente ao menor número de animais avistados na RDSM quando o rio estava cheio e os botos se encontravam espalhados nas áreas alagadas (0,26, equivalente a 1,76 botos/km<sup>2</sup>). No decorrer da terceira campanha do levantamento no EIA/RIMA foi observado um maior número de indivíduos avistados (N= 78), destacando que o nível do rio se encontrava mais baixo neste período, reduzindo as águas dos igarapés e afluentes do rio Madeira, forçando os animais a se deslocarem para a calha do rio.

Entre as áreas amostradas no EIA/RIMA, destaca-se a ausência de avistamentos de botos nos segmentos entre a Cachoeira do Tamborete e a Cachoeira do Paredão e entre a Cachoeira do Paredão e a Cachoeira do Jirau, ambos no AHE Jirau. O número de animais avistados acima das cachoeiras do Abunã (mínimo de 12 indivíduos), fora dos limites da AID do AHE Jirau, sugere que esta possa ser uma população isolada do grupo do sistema Madeira - Mamoré.

**Quadro 1: Mamíferos de provável ocorrência na região e indicação do grau de ameaça.**

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
ORDEM DIDELPHIMORPHIA					
Família Didelphidae					
<i>Caluromys lanatus</i>		-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Caluromys philander</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Didelphis cf. imperfecta</i>		-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Didelphis marsupialis</i>	mucura	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Glironia venusta</i>	cuíca	DD	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Marmosa murina</i>		-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Marmosops cf. impavidus</i>		-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Marmosops cf. neblina</i>		-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Marmosops impavidus</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Marmosops neblina</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Marmosops noctivagus</i>		-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	mucura-quatro-olhos	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Micoureus demerarae</i>	mucura-xixica	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Monodelphis emiliae</i>		DD	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Monodelphis</i> sp. 1		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Monodelphis</i> sp. 2		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
<i>Philander mcilhenny</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Philander opossum</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<b>ORDEM PILOSA</b>					
<b>Família Bradypodidae</b>					
<i>Bradypus variegatus</i>	preguiça	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Choloepus</i> sp.	preguiça	-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Choloepus didactylus</i>	preguiça	-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<b>Família Myrmecophagidae</b>					
<i>Cyclopes didactylus</i>	tamanduá	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	bandeira	VU	NT	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Tamandua tetradactyla</i>	mirim	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<b>ORDEM CINGULATA</b>					
<b>Família Dasypodidae</b>					
<i>Dasypus novemcinctus</i>	tatu-galinha	-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Cabassous</i> sp.	tatu-rabo-de-couro	-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Cabassous unicinctus</i>	tatu-do-rabu-mole-pequeno	-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Dasypus kappleri</i>	tatu-quinze-quilos	-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Priodontes maximus</i>	tatu-canastra	VU	VU	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
ORDEM PRIMATES					
Família Cebidae					
<i>Callibella humilis</i>	mico-anão	-	VU	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Callithrix nigriceps</i>	soim	-	DD	II	EIA/RIMA (2005)
<i>Cebuella pigmea niveiventris</i>	mico-pigmeu	-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Cebus albifrons</i>	cairara	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Cebus apella</i>	prego, macaco-prego	-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Chiropotes albinasus</i>	cuxiú	-	EN	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Mico cf. emiliae</i>		-	DD	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Mico chrysoleucus</i>	mico-de-orelha-amarela	DD	DD	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Mico manicorensis</i>	mico-de-manicoré	DD	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Saguinus fuscicollis</i>		-	LC	II	EIA/RIMA (2005)
<i>Saguinus labiatus</i>	soim	-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Saguinus mystax</i>		-	LC	II	EIA/RIMA (2005)
<i>Saguinus sp.</i>		-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Saimiri boliviensis</i>	mão-de-ouro	-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Saimiri ustus</i>	macaco-de-cheiro, boca-preta	-	NT	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
Família Pitheciidae					

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
<i>Callicebus bernhardi</i>		-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Callicebus brunneus</i>		-	LC	II	EIA/RIMA (2005)
<i>Callicebus caligatus</i>		-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Callicebus cinerascens</i>		-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Callicebus dubius</i>	zogue-zogue	-	LC	II	EIA/RIMA (2005)
<i>Callicebus</i> sp.		-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Pithecia</i> cf. <i>irrorata</i>	parauacu	-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Pithecia irrorata</i>		-	LC	II	EIA/RIMA (2005)
<i>Pithecia</i> sp.		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<b>Família Aotidae</b>					
<i>Aotus nigriceps</i>		-	LC	II	EIA/RIMA (2005)
<i>Aotus</i> sp.		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<b>Família Atelidae</b>					
<i>Alouatta nigerrima</i>		-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Alouatta seniculus</i>		-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Alouatta</i> sp.		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Ateles chamek</i>	macaco-preto, macaco-aranha	-	EN	II	EIA/RIMA (2005)
<i>Ateles</i> sp.		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)



Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
<i>Lagothrix cf. cana</i>	barrigudo	-	EN	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Lagothrix sp.</i>		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<b>ORDEM LAGOMORPHA</b>					
Família Leporidae					
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	tapiti	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<b>ORDEM RODENTIA</b>					
Família Sciuridae					
<i>Sciurus aestuans</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Sciurillus pusillus</i>		-	DD		Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Sciurillus sp.</i>	cuatipuru	-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Sciurus ignitus</i>		-	DD	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Sciurus sp.</i>		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Sciurus sp.1</i>		-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Sciurus sp.2</i>		-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Sciurus spadiceus</i>	cuatipuru-vermelho	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
Família Cricetidae					
<i>Euryoryzomys aff. macconelli</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Holochilus sciureus</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Hylaeamys cf. yunganus</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
<i>Hylaeamys megacephalus</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Neacomys</i>		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Oecomys</i>		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Oecomys bicolor</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Oecomys</i> sp. 1		-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Oecomys</i> sp. 2		-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Rhipidomys</i>		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
Família Echimyidae					
<i>Coendou cf. prehensilis</i>	ouriço-caixeiro	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Coendou prehensilis</i>	ouriço-caixeiro	-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Dactylomys dactylinus</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Mesomys hispidus</i>		-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Proechimys gardneri</i>		-	DD	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Proechimys</i> sp.	barriga-branca	-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Sphiggurus rosmalenorum</i>	coendu	-	DD	-	EIA/RIMA (2005)
Família Hydrochoeridae					
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	capivara	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
Família Cuniculidae					
<i>Cuniculus paca</i>	paca	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
Família Caviidae					
<i>Dasyprocta azarae</i>		-	DD	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Dasyprocta cf. fuliginosa</i>	cutia	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Dasyprocta fuliginosa</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Dasyprocta sp.</i>	cotiara	-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Dasyprocta variegata</i>		-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Myoprocta pratti</i>		-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Myoprocta sp.</i>		-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<b>ORDEM SIRENIA</b>					
Família Trichechidae					
<i>Trichechus inunguis</i>	peixe-boi	VU	VU	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<b>ORDEM CETACEA</b>					
Família Delphinidae					
<i>Sotalia fluviatilis</i>	tucuxi	-	DD	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
Família Platanistidae					
<i>Inia geoffrensis</i>	boto-rosa	-	DD	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Inia boliviensis</i>	boto-rosa	-	-	-	EIA/RIMA (2005)
<b>ORDEM CARNIVORA</b>					
Família Felidae					

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
<i>Leopardus pardalis</i>	jaguaririca	-	LC	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato	VU	VU	I	EIA/RIMA (2005)
<i>Leopardus wiedii</i>	gato-maracajá	VU	NT	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Panthera onca</i>	onça-pintada	VU	NT	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Puma concolor</i>	onça-parda, suçuarana	-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Puma yagouaroundi</i>	gato-mourisco	-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
Família Mustelidae					
<i>Eira barbara</i>	irara	-	LC	III	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	-	DD	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Pteronura brasiliensis</i>	ariranha	VU	EN	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
Família Procyonidae					
<i>Nasua nasua</i>	quati	-	LC	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Potos flavus</i>	jupará	-	LC	III	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
Família Canidae					
<i>Atelocynus microtis</i>	cachorro-do-mato	DD	NT	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato	-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Speothos venaticus</i>	cachorro-vinagre	VU	NT	I	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
ORDEM ARTIODACTYLA					
Família Cervidae					
<i>Mazama sp. americana</i>	veado	-	DD	-	EIA/RIMA (2005)
<i>Mazama sp.</i>	veado	-	-	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007)
<i>Mazama goauzoupira</i>	veado-catingueiro	-	LC	-	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
Família Tayassuidae					
<i>Pecari tajacu</i>	cateto	-	LC	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
<i>Tayassu pecari</i>	porcão, queixada	-	NT	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
ORDEM PERISSODACTYLA					
Família Tapiridae					
<i>Tapirus terrestris</i>	anta	-	VU	II	Silva <i>et al</i> (2007); Rohë (2007) e EIA/RIMA (2005)
ORDEM CHIROPTERA					
Família Emballonuridae					
<i>Cormura brevirostris</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Diclidurus albus</i>	morcego branco	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Peropteryx kapleri</i>	morcego	-	LC	-	MZUSP
<i>Peropterix macrotis</i>	morcego	-	LC	-	MZUSP
<i>Rhynchonycteris naso</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Saccopteryx bilineata</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
<i>Saccopteryx canescens</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Saccopteryx leptura</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
Família Phyllostomidae					
Família Desmodontinae					
<i>Desmodus rotundus</i>	morcego-vampiro-comum	-	LC	-	Peracchi 2006, MZUSP
<i>Diaemus youngi</i>	morcego	-	LC	-	Peracchi 2006, MZUSP
<i>Diphylla ecaudata</i>	morcego	-	LC	-	MZUSP
Família Glossophaginae					
<i>Anoura caudifera</i>	morcego	-	LC	-	MZUSP
<i>Choeroniscus minor</i>	morcego	-	LC	-	Esbérard <i>et al.</i> 2005
<i>Glossophaga longirostris</i>	morcego				Webster, 1993
<i>Glossophaga soricina</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
Família Phyllostominae					
<i>Chrotopterus auritus</i>	morcego	-	LC	-	MZUSP
<i>Glyphonycteris daviesi</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Lonchorrhina aurita</i>	morcego	-	LC	-	MZUSP
<i>Lonchorrhina inusitata</i>	morcego	-	DD	-	Handley & Ochoa 1997
<i>Lophostoma brasiliense</i>	morcego	-	LC	-	MZUSP

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
<i>Lophostoma silvicolium</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Micronycteris megalotis</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Mimon crenulatum</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Phylloderma stenops</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Phyllostomus elongatus</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Phyllostomus hastatus</i>	morcego	-	LC	-	Guerrero 1995a, Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Tonatia saurophila</i>	morcego	-	LC	-	MZUSP
<i>Trachops cirrhosus</i>	morcego	-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<b>Família Carollinae</b>					
<i>Carollia brevicauda</i>	morcego	-	LC	-	Peracchi <i>et al.</i> 2006
<i>Carollia castanea</i>	morcego	-	LC	-	Peracchi <i>et al.</i> 2006, MZUSP
<i>Carollia perspicillata</i>	morcego	-	LC	-	Guerrero 1995a, Peracchi <i>et al.</i> 2006, MZUSP
<i>Rhinophylla fischeriae</i>	morcego	-	NT	-	Peracchi <i>et al.</i> 2006
<i>Rhinophylla pumilio</i>	morcego	-	LC	-	Peracchi <i>et al.</i> 2006, MZUSP
<b>Família Stenodermatinae</b>					
<i>Artibeus anderseni</i>		-	LC	-	Guerrero 1995b, Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Artibeus cinereus</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Artibeus concolor</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Artibeus gnomus</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007

Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
<i>Artibeus lituratus</i>		-	LC	-	Guerrero 1995b, Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Artibeus obscurus</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Artibeus planirostris</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Chiroderma trinitatum</i>		-	LC	-	MZUSP
<i>Chiroderma villosum</i>		-	LC	-	MZUSP
<i>Enchistenes hartii</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Mesophylla macconnelli</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Platyrrhinus helleri</i>		-	LC	-	Guerrero 1995b, Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Platyrrhinus lineatus</i>		-	LC	-	MZUSP
<i>Sturnira lilium</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Sturnir tildae</i>		-	LC	-	MZUSP
<i>Uroderma bilobatum</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
<i>Vampyressa bidens</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Vampyressa brocki</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Vampyressa thyone</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
Família Mormoopidae					
<i>Pteronotus parnelli</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007, MZUSP
Família Noctilionidae					
<i>Noctilio albiventris</i>		-	LC	-	Guerrero 1995b



Taxon	Nome popular	Categoria de ameaça			Fonte
		IBAMA 2008	IUCN	CITES	
Família Molossidae					
<i>Eumops auripendulus</i>		-	LC	-	Reis <i>et al.</i> 2007
<i>Molossops (Neoplatymops) matogrossensis</i>		-	LC	-	Gregorin 1998, MZUSP
<i>Molossus molossus</i>		-	LC	-	MZUSP
<i>Molossus rufus</i>		-	LC	-	MZUSP
<i>Tadarida brasiliensis</i>		-	LC	-	MZUSP
Família Vespertilionidae					
<i>Myotis albescens</i>		-	LC	-	Aires 2009
<i>Myotis riparius</i>		-	LC	-	MZUSP

\* Critérios de ameaça: dados deficientes (DD); em perigo (EN); presumidamente em perigo (PA); vulnerável (VU); pouco preocupante (LC). CITES: Apêndice I - Lista as espécies mais ameaçadas de extinção. O comércio internacional está proibido; Apêndice II - Lista as espécies em risco de se tornarem ameaçadas de extinção, caso o comércio internacional não seja controlado; e Apêndice III - Lista as espécies com o comércio internacional parcialmente regulado, mas que precisa da cooperação dos países para não haver sobreexploração.